



## **O SAMBA JUNINO NO BEIRU O ATO DE RESISTÊNCIA NO CABULA**

**Luciano Silva**  
**UNEB**

### **RESUMO**

Este artigo é parte integrante de uma pesquisa em andamento sobre a construção histórica, social e cultural do movimento do samba junino no bairro do Beiru, buscando uma reflexão para a importância sobre o quilombo do Cabula, o conceito histórico do samba em Salvador e a variação do samba de recôncavo para o samba urbano e processo da expansão urbana do miolo da cidade do Salvador.

Palavras-Chave – Samba Junino, quilombo do Cabula, expansão urbana

### **1 INTRODUÇÃO**

Durante uma apresentação de Samba Junino no programa de televisão exibido pela Tevé Educadora (TVE) em 2012, tinha em destaque na sua divulgação inicial que um dos bairros que esse movimento intitulado Samba Junino acontecia o bairro do Cabula. E na condição de morador do bairro e vivendo a rotina dele nunca tinha visto um registro ou relatos sobre essa manifestação cultural neste bairro.

Após a visualização do programa comecei o levantamento de informações que poderiam levar a constatar que o samba junino foi uma prática popular também no bairro de origem quilombola do Cabula. E assim chego ao bairro do Beiru, local onde tem uma forte tradição afrodescendente e quilombola na figura do negro Gbeiru, onde coletei informações dos seus populares que durante a década de 1980 tinha um movimento muito acentuado ligado as festividades juninas com o Samba.



## **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

O recorte temporal sobre o samba junino são os anos de 1985 ao ano de 1995 período em que o samba junino ganha notoriedade na cidade e com isso os jovens pauperizados enxerguem uma possibilidade de ascensão social marcado pela diferença de classe de outras áreas de Salvador e do próprio bairro do Cabula, sendo que o movimento do samba em Salvador é datado desde do final do século XIX com os locais e relatos de um processo de resistência e agrupamento que percorre todo o século XX em caráter de resistência afrodescendente até virar produto da indústria fonográfica, onde esse movimento começou a ter destaque dentro dos bairros de origem quilombolas como Liberdade, Cabula, Engenho Velho da Federação, Engenho Velho de Brotas entre outros.

O texto em si é um retorno ao passado de uma cidade que não oferecia uma estrutura urbana capaz de dar uma qualidade de vida a sua população e ao final de uma ditadura militar entre os anos de 1964 a 1985 deixando um saldo de crise política e econômica em todo país sendo a capital do estado da Bahia umas das mais atingida pelo fracasso do regime imposto ao Brasil. Na contramão da crise do petróleo do final dos anos de 1970 Salvador via a sua economia ter uma ascensão oriundo do surgimento do polo petroquímico em 1978, e assim, a especulação imobiliária e as ações dos agentes sociais temos o começo do desenvolvimento habitacional do Cabula e seu entorno, local identificado como miolo da cidade do Salvador onde ocorreu o encontro entre a comunidade que já habitava aquela região, descendentes dos moradores do antigo quilombo do Cabula com a classe média emergente que ocuparia os apartamentos dos conjuntos habitacionais. Nesse cenário socioeconômico é que a música e suas manifestações culturais se torna ponto de interação e diversão das camadas menos favorecidas da sociedade que na impossibilidade de ida ao interior viver os festejos Juninos tradicionais esses sujeitos se reuniam em seus bairros e após as rezas eles saíam de casa em casa para partilhar a fartura do período citado e ao final em vez do forró tradicional difundido por Luiz Gonzaga tínhamos o samba duro oriundo do recôncavo baiano com o samba de roda que ganhando aspectos urbanos se transforma no movimento do samba junino e dando voz e difusão as atividades que já eram rotinas dentro dos terreiros de candomblé.

É neste cenário que vamos investigar e analisar os aspectos sociais e o desenvolvimento urbano e o cenário cultural da cidade do Salvador dentro do Cabula local que tem em sua origem a ascensão de um quilombo no século XIX.

Pretendo empreender um estudo sobre o samba Junino no bairro do Cabula onde a



## **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

origem é de um quilombo, onde as matrizes africanas ligadas a religiosidade e a música tem presença marcante nesse bairro nos dias atuais e assim trazer para o Turismo de Base Comunitária essa vertente da história para benefício social e cultural.

### **2 O São João e o Antigo Quilombo do Cabula**

Em algumas capitais do nordeste brasileiro durante o mês de junho ocorrem os festejos dos três santos católicos São Santo Antônio, São João e São Pedro, dentre os festejos citados a festa de São João é a mais popular. As festas em sua homenagem remontam do século XII, e é no século XVI que se fortalecem na Europa e migram para as colônias.

Essa festa que ao chegar na colônia entra também no seu processo de miscigenação com o povo indígena. O frei Vicente de Salvador em seu livro História do Brasil (1500 a 1627) deixa exposto essa aproximação da festa de tradição europeia com a população nativa local, “só acodem todos com muita vontade nas festas em que há alguma cerimonia porque são mui amigos de novidades, como o dia de São João Batista, por causa das fogueiras e capelas, dia de comemoração geral” (SALVADOR,1627, p.116).

Com toda a tradição envolvida em torno dos festejos juninos não seria diferente que o antigo Quilombo do Cabula, pertencente a freguesia do Santo Antônio Além do Carmo no século XIX, tivesse dentro das suas influências cotidianas essa comemoração típica já com atributos culturais dos negros que residiam e procuravam refúgio nas zonas mais afastadas da cidade.

O quilombo do Cabula sempre teve sua representatividade dentro dos espaços de resistência em suas variadas ações contra a escravidão na cidade do Salvador. Segundo Martins,(2017, p.25) no início do século XIX, a cidade do Salvador era a expressão da resistência negra. Uma cidade portuária, que estava em acelerada expansão e que devido a conjuntura econômica interna e externa, passou a receber, ao longo dos anos, um grande contingente de homens escravizados que transitavam por suas ruas deixando rastros e registros na trajetória histórica. Assim, formamos a tríplice formação cultural do povo brasileiro onde esse último com sua contribuição musical transformará as relações entre os sujeitos sociais da capital da Bahia em toda sua história.



## IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

Os limites da cidade do Salvador no século XIX eram de extrema importância para a compreensão do desenvolvimento central da cidade assim como suas zonas periféricas como locais de resistência e difusão da cultura de matrizes africanas em Salvador por todo o século XX. As freguesias eram os pontos de delimitação da cidade e assim cada freguesia levava seu nome a partir da paróquia de maior importância daquela região. O Cabula tem sua referência cartográfica do século XIX nas freguesias suburbanas ou periféricas, Martins,(2017, p.30) as freguesias suburbanas ou áreas periféricas, eram mais afastadas do núcleo urbanizado, menos habitadas, com disposição de moradias mais afastadas e aspectos arquitetônicos humildes que abrigavam em gerais pessoas pobres, que não participavam como produtores que atendiam às demandas do comércio agroexportador.

Assim, o Quilombo do Cabula passa a ser um local de refúgio e resistência com liberdade para as práticas religiosas de matrizes africanas. Em virtude dessa rotina, a região passa a ser mal vista pelos donos de escravos da região. Segundo Martins,(2017, p33) entender a freguesia do Santo Antônio Além do Carmo é imprescindível para tentar elucidar a história do Cabula, que representou uma localidade de habitação de negros e resistência escrava, fruto de processo de segregação socioespacial da cidade do Salvador.

O quilombo do Cabula além de local de resistência tem suas expressões culturais o samba oriundos dos rituais de matrizes africanas segundo Martins, (2017, p.90). As riquezas das tradições culturais de matrizes africanas expressas nesse quilombo, foram destacadas com desdém e repúdio pelo conde da ponte.

### **3 Afinal o que é o Samba?**

Em pesquisas sobre as origens do samba nos reportamos como base empírica ao recôncavo baiano. Onde a partir dessa região tão explorada economicamente no período da produção açucareira no Brasil colônia, se fez emergir as heranças de resistência nas batalhas contra a submissão imposta pela escravidão e a difusão religiosa e cultural através da música. O samba tem suas raízes ligadas ao recôncavo baiano que segundo Matoso,(1992, p.51) recôncavo significa fundo de baía. Mas o Recôncavo baiano abrange todas as terras adjacentes, ilhas e ilhotas, bem para além das praias, vales, várzeas e planaltos próximos ao mar.



## IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

Antes da palavra samba o nome dado ao estilo musical ligado aos negros do passado colonial e durante o império era o batuque, muito praticado pela população de escravos e libertos até as primeiras décadas do século XX. Segundo Guerreiro (2000, p 67), o termo batuque foi empregado para todas as manifestações de um repertório musical acompanhado de percussão, que se relaciona com a dança e o canto e tem origem na África.

Com o aumento de negros libertos antes da abolição da escravatura o termo batuque também foi uma forma de pontuar os candomblés. Guerreiro (2000 p 67), no século XIX, aparece a definição de batuque para identificar os candomblés” definidos como “batuques de negros acompanhados de feitiçaria”, assim como, para denominar a “dança com sapateados e palmas, ao som de cantigas acompanhadas só de tambor, quando é de negros, ou também de viola e pandeiro, quando entra gente mais asseada”.

Dessa forma podemos entender como a segregação não somente era socioespacial, mas também ligada a etnia e a cor da pele. Nesse aspecto os senhores de escravos não toleravam as manifestações culturais africanas, buscando ter o controle sobre a forma de expressão cultural da população negra da época, dando um tom preconceituoso sendo o som do negro visto como sujo, bárbaro e de propagação proibida diante da sociedade “asseada”.

Ainda no século XIX o termo batuque para práticas ligadas aos negros passar a ser chamado de samba e sendo considerado primeiramente como um termo substitutivo e genérico para as atividades desenvolvidas por negros na cidade de Salvador.

Toda essa manifestação era vista de forma macro durante os festejos do carnaval. Guerreiro,(2000, p 68) o carnaval era um espaço privilegiado das manifestações negras, e a polícia agia contra os batuques e contra os sambas submetendo-os as sanções penais tal como faziam nos terreiros de candomblé que não conseguiam licença para realizar seus rituais. Mas apesar do controle policial sobre as práticas negras, os batuques não foram banidos nem do carnaval, nem do cotidiano da cidade. Essas ações de não banir as manifestações são de maneira intencional para manter um certo “controle” das práticas de negros durante a vida comum da cidade do Salvador, perdurando esse controle até o final do século XX com a ação da delegacia de jogos e costumes. No dia 05 de setembro de 2016 foi veiculado uma reportagem do jornal A Tarde, afirmando que a publicação da lei estadual nº 25.0595 de 15 de janeiro de 1976, decretada pelo então governador da Bahia, Roberto Santos, marco regulatório que de fato liberou os terreiros de terem que pedir licença policial para praticar sua liturgia.



## **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

Então, o samba é uma manifestação musical que traz em suas raízes a resistência oriunda dos negros escravizados, os quais depois de libertos veem a necessidade de dar continuidade a luta imposta pelas práticas de segregação social e étnica. Do início até meados do século XX, os negros agora na condição de homens livres necessitavam sobreviver por conta própria e a música torna-se um instrumento de trabalho e aquisição de renda. Segundo Cruz, 2006, p 06 O período da década de 1930 e 1950 é marcado por intensas transformações nas definições de uma identidade nacional e, particularmente, no mundo do samba. Esse contexto é marcado por um diálogo tenso e conflitante, que vai dar o tom no relacionamento de diferentes sujeitos com o samba, ora reprimindo-o ostensivamente, ora enaltecendo-o como música da nação. E assim o samba nunca deixa de ser um movimento cultural de luta e resistência.

### **4 Samba Urbano em Salvador**

Nas primeiras décadas do século XX o samba já tinha um espaço considerável no cenário baiano e no cotidiano da sua capital. Segundo Guerreiro (2000,p.67) os relatos históricos que se reportam ao fim do século XIX e início do século XX apontam a música e a dança como parte integrante do cotidiano dos negros os negros elaboravam ainda uma série de divertimentos que também envolviam estas artes.

O samba, agora com características urbanas, continua sendo para elite um instrumento de controle e repressão de uma classe marginalizada pela sua cor e as suas tradições ligadas ao continente africano. Segundo Cruz, (2006, p.36) Os representantes da elite política de salvador também não se furtaram a expor publicamente suas opiniões sobre os costumes populares. Essa elite tinha o interesse em através dos espaços de comunicação da época em traçar um conceito de civilização para salvaguardar a extinção dos costumes africanos. Cruz, (2006 p.37) também nos diz que por isso sempre pautou por elaborar leis e códigos de comportamento que na prática representavam a repressão ao ruído dos atabaques e das manifestações religiosas, e configuravam atos coercitivos da Saúde Pública contra as vendedoras de comidas nos mercados das feiras.

O samba urbano em Salvador não era bem-visto pela elite local, apesar que nacionalmente o samba estava nas mesas de discussões em debates dentro da cultura política e caracterização de uma identidade nacional desde da década de 1930. A elite soteropolitana e política não via com uma boa aceitação a difusão do samba vindo do Recôncavo baiano com sua influência



## IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

cultural e de resistência inseridas na convivência habitual com os costumes africanos pelas ruas da capital. A perseguição pela sociedade abastarda soteropolitana com o samba urbano também não era diferente aos sujeitos que cultuam as matrizes religiosas africanas a ponto de proibirem a manifestação musical pelas ruas do centro da velha capital da Bahia.

Dentro da lei a elite local não tinha como impedir essas manifestações de forma discriminatória devido ao sistema jurídico brasileiro afirmar que todos eram iguais perante a lei. Mas essa elite não satisfeita com a propagação da cultura de matriz africana tornaram o conceito de cidadania e igualdade entre todos os brasileiros um motivo de ação voltada a exclusão das práticas e costumes dos negros. E o samba por ter um destaque era um dos mais perseguidos, assim como o funcionamento dos terreiros de candomblé entra a década de 1930 a 1970. Segundo Cruz,(2006,p 37) se todos eram iguais, como poderiam negros se expressarem de forma diferente? Sambando, batucando, jogando capoeira e tocando candomblé? Os costumes que deveriam ser cultivados eram o da civilização e da modernidade, as belas letras e a arte.

Os aspectos culturais ligados aos negros como fazer o samba de roda, cultuar os ritos do candomblé, adorando deuses e seres da natureza seriam os argumentos utilizados para inferiorizar uma raça que na concepção dessa elite branca precisava ser civilizada. O que deixava explícito a total exclusão não só ao samba, mas toda manifestação de origem africana. Segundo Cruz, (2006, p38) com o passar dos anos já não cabia mais, no entanto, proibições claramente discriminadoras num regime que se dizia democrático. Justificando a necessidade da interferência policial para reprimir as rodas de samba e acompanhando a acusação de que os costumes eram bárbaros e produtores de verdadeiros atentados à moral “brigas constantes e pornografias”, apareceram outros argumentos mais sutis e concretos.

O samba, além da resistência as questões discriminatórias, é também uma forma de divertimento dos negros em área urbana. Segundo Guerreiro, (2000 pág. 80) os divertimentos musicais negros eram continuamente recriados a partir dos elementos afro-brasileiros, no qual referências estéticas variadas foram incorporadas. Alguns desses estilos foram amplamente disseminados e assim, em meados do século XX, Salvador viu surgir suas primeiras escolas de sambas.

A influência das escolas de sambas do Rio de Janeiro que conseguem ultrapassar as fronteiras nacionais e assim dando ao Brasil uma identidade cultural no mundo através do



## IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

samba. Em Salvador a juventude pauperizada e periférica ficou inspirada e fascinada pelo choque que o ritmo do samba trouxe ao Rio de Janeiro. Segundo Guerreiro, (2000. P 82) os jovens negro mestiço soteropolitanos organizaram-se em entidades semelhantes, tais como Diplomatas de Amaralina, Ritmos da Liberdade, Juventude do Garcia, Filhos do Tororó, entre outras. O apogeu desses grupos de sambas dentro da cidade do Salvador teve sua ascensão nos anos 50 e 60 assim como sua decadência devido à falta de estrutura, a qual tinham as escolas de Samba do Rio de Janeiro que eram financiadas por atividades ilegais como o jogo do bicho. Diferentemente do que acontecia em Salvador onde os grupos não tinham apoio para permanência já que não tinha estrutura material e nem financeira. O movimento do samba era levado com um ar de romantismo e sem profissionalismo somente pela continuidade de uma tradição de um povo que busca seu espaço através da cultura e resistência ainda em pleno século XX.

Apesar da decadência dos grupos de Samba, os participantes não deixaram a prática e a resistência através do gênero musical no contexto urbano na capital, e assim esse samba passa por transformações de caráter urbano, mas preservando as suas matrizes iniciais ligadas ao candomblé a qual vai levar o nome no meio popular de samba junino.

### **5. O Samba Junino**

Em pleno processo de abertura política no Brasil durante o regime militar as manifestações políticas pela redemocratização, a liberdade de expressão e cultura era um clamor nacional. Em Salvador, as manifestações culturais e políticas também entravam no processo de abertura, com o a lei estadual nº 25.0595 de 15 de janeiro de 1976 na época o Governador da Bahia Roberto Santos que de fato os terreiros de candomblé não precisavam mais de autorização policial. Assim a cultura ligada ao candomblé e aos afrodescendentes começavam a transitar pelas ruas da velha capital sem uma ação das forças de repressão do estado, a polícia.

No mesmo período no final da década de 1970 e começo dos anos de 1980 um movimento ligado ao samba traz uma nova articulação nos bairros de origem quilombolas de Salvador, esse movimento anos depois será intitulado pelos jornais e pela mídia como samba junino. Essa manifestação de caráter popular e periférico acontece no período de comemoração dos santos católicos juninos, Segundo Doring,(2016, p.79) O samba junino tomou feições a partir dos anos 70/80 em vários bairros populares que abrigam tradicionais





### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

terreiros de candomblés. O gênero musical além das suas representações culturais traz em suas manifestações segundo Melo,(2017, p.24) elementos políticos e culturais em sua subjetividade, como o movimento Black Power, a música fomentada pelo world music e o fim do regime militar etc.

O ano de aparição do samba junino é o ano de 1979, no bairro de Engenho velho de Brotas local que tem presença negro mestiço da capital. Segundo Melo,(2017,p.25) as informações em torno à aparição do samba Junino estão associadas a criação do Festival e sua intrínseca relação com o samba duro. Esse evento considerado o primeiro festival de samba junino em Salvador teve como criadores os irmãos Mario e Jorge Bafa fé. Esse samba tem ligação direta com a movimentação econômica que dava as comunidades uma forma de sobrevivência no período dos festejos juninos e também a disputa entre ruas e grupos que iam das suas composições musicais às vestimentas para apresentação nos festivais. Essa ação por comparação lembrava as disputas dos movimentos negros americanos como Hp Ho e entre outras ações culturais que diminuíram a criminalidade nos bairros negros dos Estados unidos, mesmo período da criação do Samba Juninos nos bairros de Salvador.

Com a industrialização e o crescimento urbano da cidade entre os anos 60 e 70 do século XX houve uma mobilização em grande escala das pessoas que residiam no recôncavo baiano em busca de melhores oportunidades e melhores condições de vida. Entre esses sujeitos vieram os sambadores, compondo de forma determinante as ações da cultura do samba urbano em Salvador. Doring (2016, p. 78-79) não foi somente a classe média rural, os “nouveaux riches” que saíram de suas terras em direção a Salvador, e sim também muito “pobres” atrás de empregos nas indústrias ao redor de Salvador para garantir o bem-estar material para suas famílias no Recôncavo. Este movimento de migração econômica a partir dos anos 60 e 70 têm extraídos filhos de sambadores que deixaram de dar continuidade ao samba de roda: eles se afastaram das suas raízes culturais e começaram a se entrosar com a cultura urbana, onde muitos contribuíram ativamente em grupos musicais influenciados pelo reggae, blocos afros, samba duro e a música axé, que começaram a pipocar no cenário da música afro-baiana.

E assim a composição dos sujeitos que compõem o samba junino é concretizada com a contribuição cultural e de resistência trazida do Recôncavo baiano que nos bairros de origem quilombolas, como o antigo Quilombo do Cabula, vai ganhar força com o Samba Junino a partir dos anos 80 e 90 do século XX, no bairro do Beiru. E a influência desse processo



## IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

migratório, a partir do desenvolvimento urbano do Cabula e seu entorno, trouxe esses sujeitos, já com a cultura do Samba Junino, os quais deram continuidade a prática do gênero musical já difundido em diversos bairros da cidade.

### **6. Samba Junino no Cabula e seu entorno**

O cabula é um bairro que teve seu desenvolvimento urbano e habitacional nos anos 70 do século XX, onde as construções dos conjuntos habitacionais trouxeram sujeitos de outros bairros de Salvador. Esses sujeitos deram continuidade ao movimento de cultura e resistência através do samba junino o qual já era praticado e consolidado em outros bairros da cidade. Fernandes, 2005, p.39 Cidades histórica do Brasil, Salvador é hoje muito distinta daquela existente até o século XIX. Novos bairros surgiram e cresceram sendo o miolo o exemplo mais marcante desta nova configuração urbana.

Segundo dados da A região do Cabula/Tancredo Neves é formada por 22 Bairros, tendo a sua localização no miolo da cidade do Salvador. A sua área territorial compreende a 25.727 KM<sup>2</sup> e a sua população estima algo por volta de 374.013 habitantes no senso de 2010. Dentro da sua densidade demográfica o bairro com maior concentração populacional em 2010 foi o bairro de Pernambués, figurando a quantidade de 64.983 habitantes, sendo o menor bairro em densidade demográfica, o Saboeiro, apresentando algo em torno de 6.682 habitantes. No ano de 2010, foi constatado que 47,45% da população era do sexo masculino e, 52,55% do sexo feminino.

A densidade demográfica bruta no ano de 1991 apresentava uma variação de 99,86 hab./ha, com sua expansão territorial e habitacional, o bairro do cabula apresenta em 2010, variação com acréscimo de 145,38 hab./ha, seguindo na contramão da ascensão da classe média no bairro. Ainda no ano de 1991, o bairro da Engomadeira teve índices de bairro popular, entretanto, a localidade apresenta características de pessoas pauperizadas e de baixa renda. No sentido contrário da afirmação anterior, o bairro revela a maior densidade demográfica da região, chegando a ter 354,52 hab./ha.

Outro fator de relevância é o processo de instrução, segundo a Prefeitura Bairro Cabula/Tancredo Neves, o registro de pessoas não alfabetizadas era de 14,38% em 1991, já em 2010 esse índice baixou para 6,06%. Alguns bairros não conseguiram reduzir este



## **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

indicador e tiveram seu índice de analfabetismo elevado, como no bairro da Saramandaia, bem como o bairro do Resgate “O bairro de uma rua só”.

Dentro da caracterização de domicílios entre os anos de 1991 e 2010 o Cabula e o seu entorno desenvolve um aumento de 63.900 domicílios, sendo a maior parte de domicílios permanentes, - aquele domicílio exclusivo para habitação - e os domicílios improvisados, aqueles domicílios que servem de residência temporária como hotéis, pousadas, motéis e pensões. Em 2010 os aglomerados subnormais, áreas conhecidas ao longo do país por diversos nomes como favela, comunidade, grotão, vila, mocambo, entre outros. Em Salvador, em geral, os dados se apresentam em 36 aglomerados subnormais, tendo destaques nesses aglomerados os bairros de Narandiba 85,48% e Nova Sussuarana 84,99%, mostrando assim o processo de ocupação ocorrido com a situação econômica de Salvador e seus possíveis êxodos internos de um bairro para o outro bem como os êxodos rurais.

Os rendimentos datados na Prefeitura Bairro do Cabula/Tancredo Neves tende a ter uma importância dentro de rendimento nominal mínimo e o rendimento nominal médio de acordo com o salário-mínimo vigente na época do censo entre 1991 e 2010. A variação de valores foi entre R\$ 575,31 em 1991, em 2000 esse valor passou a ser de R\$ 1.447,06 no ano 2000 e tendo um decréscimo em 2010 para R\$ 1,394,52. Saramandaia foi o bairro de menor percentual de rendimento por domicílio, enquanto o Resgate teve o maior percentual de rendimento por domicílio superior a dez salários-mínimos.

A região do bairro do Cabula, como em qualquer outro bairro, segue seu ritmo de valorização desde a década de 1970, quando consideramos as construções dos primeiros condomínios, ou conjuntos habitacionais, voltados para atender uma classe média baixa, geralmente composta de servidores públicos de todas as áreas. Para além disto, o Cabula segue um padrão de valorização que abrange apenas suas áreas principais, como a avenida Silveira Martins. O bairro avança inaugurando diversos empreendimentos, desmatando o que restou de reserva atlântica e, relegando ao restante da população que também ocupa o espaço, a se estabelecerem ou se espremerem nos entornos. E o seu miolo, seguindo esse padrão lógico, será permanentemente valorizado.

Além do desenvolvimento geográfico o Cabula a partir dos anos 80 através do movimento cultural e de resistência do samba duro começa a ter espaço nos festejos Juninos das comunidades. Os sujeitos que serão protagonistas do Samba Junino do Cabula são os mesmos que difundiram esse movimento por toda cidade. E na expansão habitacional para o miolo da



## **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

cidade com bastante ênfase nesse processo migratório o Cabula onde esses moradores vão levar toda tradição ligada ao samba duro e ao samba junino.

O Beiru é um bairro do entorno do Cabula e com sua influência quilombola tem no imaginário dos seus moradores o líder quilombola Beiru ou alguns chamam Gbeiru, este sendo a maior representatividade de resistência afrodescendente da região. Segundo a associação comunitária e carnavalesca mundo negro (2007), Beiru, que na língua nativa africana Iorubá, escreve-se GBEIRU nasceu em Oyó, uma cidade da Nigéria, chegou ao Brasil em 1820. Foi comprado por um membro da família Garcia D'Ávila e trazido para a fazenda Campo Seco. Em 1845 o escravo ganha parte da fazenda e ali forma um quilombo. Em 1910 as terras foram vendidas a Miguel Arcanjo, que fundou um terreiro de candomblé onde estava a Casa-grande da fazenda. A localidade recebe o nome Beiru, dado pelos Garcia, em homenagem ao falecido escravo, que era um líder negro. No começo dos anos 80 do século XX o nome Beiru era bastante conhecido na capital baiana devido aos índices de violência que o bairro tinha e que fazia que até a sua linha de ônibus fosse ignorada pelos moradores que moravam na Avenida Silveira Martins podemos dizer o núcleo central de moradia do Cabula, tendo o seu nome mudado de forma arbitrária segundo moradores, através de ação política para o nome do político Tancredo Neves morto em 1985 antes de tomar posse pelo colégio eleitoral no final do regime militar no Brasil.

Nesse contexto de violência, falta de infraestrutura, falta de assistência do estado, moradias de baixa renda, invasões e uma população oriunda de diversos pontos da cidade de Salvador se juntam aos moradores primários e que tinham as suas tradições de matrizes africanas do antigo Quilombo do Cabula.

O Beiru do começo do século XX apesar de estar localizado dentro do espaço urbano de Salvador, tinha no seu cotidiano praticas interioranas como levar água da beira do rio para as casas na famosa prática de “levar água de cesto na cabeça, assim como a prática religiosa do Candomblé, que tinha como diversão o samba de caboclo e que nesse ritmo tinha a batida do samba duro e que dentro dessa manifestação religiosa que traz em sua ancestralidade toda uma ação de resistência e assim esse samba que já tinha características juninas também começa ocorrer com frequência nesse período no bairro do Beiru.

O Samba Junino no Beiru e no Cabula tem as mesmas características dos sambas já promovidos nos bairros considerados precursor como Engenho Velho de Brotas e Engenho



#### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

Velho da Federação, segundo o historiador Jaime Sodré em um entrevista cedido no programa Samba Junino apresentado pela TVE no ano de 2012, afirma que o samba junino é um samba de deslocamento entre os bairros de origem quilombola e que a cada chegada desse grupos de samba é oferecido pela população as comidas típicas do São João tradicional. Assim não seria diferente essa forma de confraternizar as vitórias de uma população local atingida por todos os males voltados as ações dos agentes sociais que a partir do começo do ano de 1990 do século XX começam a interferir de maneira acentuada no bairro do Cabula em seu entorno modificando a estrutura social entre as comunidades e assim as festas tradicionais começam a perder espaço entre os sujeitos que promoviam essas manifestações e, por fim, dar uma nova característica ao bairro que no seu imaginário popular deixar de ser um local periférico para ter característica de local de classe média e por fim as tradições como o samba junino do Cabula deixa de acontecer e somente lembrado apenas nas lembranças de seus componentes.

#### **4. Conclusão**

A pesquisa desenvolvida neste artigo mostra de como ainda é difícil ter uma pesquisa voltada para o gênero pagode sem ter nas suas fontes e bibliografia um discurso carregado de preconceitos e opiniões que em sua maioria vem da elite que compõem os críticos de música e jornalistas.

Dentro dos aspectos econômicos da cidade do Salvador no final dos anos de 1980 e começo dos anos de 1990 que no seu contexto é uma economia de grande repercussão pela falta de emprego e uma melhor de concentração de renda principalmente entre os jovens. O PIB na Bahia nesse período tem um aumento significativo com as atividades do Polo Petroquímico, mas esse ponto positivo não teve reflexo na geração de empregos principalmente na capital baiana e esse aspecto foi também um ponto propulsor para uma saída de arrecadação e emprego a música baiana que no momento surgia com o Samba Junino nos núcleos afrodescendentes da cidade.

Com a pesquisa mostro aqui a necessidade de aprofundamento nos aspectos que cercam o pagode no seu cotidiano e nos aspectos sociais que compõem uma população pauperizada e que encontrou no gênero do samba junino uma forma de crescimento cultural dentro da sociedade soteropolitana.



## REFERÊNCIAS

SALVADOR, F.V. **História do Brasil**. Bahia 1627. Disponível em:  
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000138.pdf>>

MARTINS Luciana Conceição de Almeida **História Pública do Quilombo Cabula: Representações de resistência em museu virtual 3D aplicada a mobilização do turismo de base comunitária** / Luciana Conceição de Almeida Martins – 2017. 311f. : il.

MATTOSO, Kátia M de Queirós. **Bahia século XIX: uma província no império**. Tradução Yedda de Macedo Soares. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A. , 1992.

GUERREIRO, Goli. **A trama dos tambores: a música afro pop de Salvador**. São Paulo: Ed. 34, 2000

CRUZ, A. C. **O samba na roda: samba e cultura popular em Salvador 1937 – 1954**. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado) – FFCH/História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

DÖRING, K. Cantador de Chula: **O samba antigo do Recôncavo**. 1. ed. Salvador, BA: Pinaúna, 2016. 256 p.

MELO, Gustavo José Jaques de **Samba junino: o samba duro e o São João de Salvador** / Gustavo José Jaques de Melo autor.- Salvador, 2017. 154 f. : il. Color.

Painel de Informações: Dados Socioeconômicos do Município de Salvador por Bairros e prefeitura bairro

[http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1\\_INFORMS\\_Painel\\_de\\_Informacoes\\_2016.pdf](http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1_INFORMS_Painel_de_Informacoes_2016.pdf)

BEIRU: **A História de um africano iorubá** por Davi Nunes

<https://ungareia.wordpress.com/2016/04/09/beiru-a-historia-de-um-africano-ioruba-que-conquistou-terras-em-salvador-ba-no-seculo-xix-e-se-tornou-um-ancestral-a-nomear-todo-um-bairro/>